

“Depois que a gente tira o carpete do rio, bate ele dentro e vai separando o cascalho dentro da bateia com água. O material que sobrava, eu trazia aqui pra casa e terminava de apurar usando o mercúrio. Fazia isso pra não contaminar os peixes e o rio.”

Vilma Aparecida de Castro Gonzaga, garimpeira e moradora de Rio Doce

“Quando conversei com a Vilma, passei a ter uma ideia diferente do garimpo. Ela me contou que aprendeu a garimpar com o pai, atividade que era sua principal fonte de renda até que um mundaréu de lama intoxicou o Rio Doce. Quando ela me contou como era o processo de garimpar, fui percebendo a consciência ecológica não só dela, mas de outros garimpeiros da região. Vejam só, eles foram acusados de contaminar o rio com metal pesado, como o mercúrio, mas ela me contou que tomava cuidado para não deixar que o mercúrio contaminasse a água no momento da apuração, e nem o ar, no momento da queima do metal, modo que também faz parte da atividade.”

Sérgio Papagaio, repórter do Jornal A SIRENE e morador de Barra Longa



Referência da reportagem:

Depoimentos de moradores sobre o ato de garimpar comunitário, Jornal A Sirene, 2018. Disponível em: <http://jornalasirene.com.br/direitos-humanos/2018/07/05/nao-perdemos-so-o-rio>

Informações sobre o periódico:

O jornal A Sirene foi criado a partir da mobilização do coletivo #UmMinutoDeSirene, formado por moradores da cidade de Mariana. Este periódico conta com a colaboração direta de atingidos e atingidas, assim como com o apoio da Arquidiocese de Mariana e do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É empregado como ferramenta de informação e questionamento quanto aos desdobramentos do rompimento da Barragem de Fundão, visando também contribuir para o fortalecimento das reivindicações e vivificação das memórias das comunidades afetadas.

FICHA ELABORADA POR MARIA CLARA MACEDO ABREU

GUALAXO
VIVO

HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SONS